

O EQUILÍBRIO DA NATUREZA

Faz muitos anos que visitei Maceió, a linda capital alagoana. Impressionou-me a beleza da cidade, com suas praias exuberantes e gente acolhedora. Hoje, passadas tantas décadas e com o aumento da população, sei que Maceió expandiu-se em muitos bairros periféricos, alguns de classe média, porém a maioria de trabalhadores menos abonados. Pois é exatamente em três desses bairros contíguos, às margens da Lagoa Mundaú, o Mutange, o Pinheiros e o Bebedouro, que estão aparecendo preocupantes rachaduras nas edificações e afundamentos no leito de algumas ruas. A suposta causa desse fenômeno, de acordo com o Serviço Geológico do Brasil, seriam os poços abertos pela Braskem na mencionada lagoa para extração de sal gema. Mas a empresa contesta essa conclusão. O Poder Público, no entanto, já está providenciando, como medida cautelar, o esvaziamento de área equivalente a 78 hectares nos referidos bairros, em que se encontram instalados hospitais, escolas e uma Subestação de Energia Elétrica, os quais também poderão ser afetados se o fenômeno não for contido. Por lá também passa uma linha de VLT – Veículo Leve Sobre Trilhos, que serve cerca de duas mil pessoas por dia.

Essa lamentável notícia leva-nos a meditar sobre a alto preço que eventualmente se tem que pagar quando se interfere no equilíbrio da natureza, sem considerar possíveis consequências negativas. O caso clássico é o do aquecimento global, que os cientistas, pelo menos a maioria deles, concluíram dever-se à famigerada camada de ozônio criada por sucessivas intervenções humanas na natureza.

Com o corpo humano, que também faz parte da natureza, acontece algo semelhante. Se o agredimos imoderadamente com fumo, álcool ou alguma droga, pode-se levá-lo a desequilíbrio tal que se torna presa fácil de agentes patológicos. Ou então causar a falência de órgão vital de reversão muito difícil, não obstante os avanços da medicina.

Contudo, a ponderação mais assustadora a que se chega quando se medita sobre o episódio de Maceió, é como a vida de uma pessoa pode, de um momento a outro, num átimo, virar de cabeça pra baixo, sem que nada se possa fazer. Mesmo não tendo nosso país propensão a terremotos e tsunamis devastadores, da mesma forma que também estamos livres de bombas ou minas da Segunda Guerra Mundial, que não explodiram e acham-se ainda enterradas em locais desconhecidos. Sem nada disso, mesmo assim estamos sujeitos a perder tudo num átimo. Achamos que não vai acontecer conosco, mas sem dúvida pode acontecer.

Quando li a notícia do que está ocorrendo em Maceió, lembrei-me da Severina, aquela afamada benzedeira que migrou do nordeste para cá. Pensei que talvez ela houvesse morado por lá, nas Alagoas, e até conhecesse o local. Mas não. O que me impressionou na conversa que tivemos foi sua aguda conclusão sobre o problema. *“Seu doutor, é muito difícil mudar a cabeça das pessoas. Elas vão continuar agredindo a natureza até não sei quando. Mas eu tenho um chá poderoso para esse mal, além de uma reza que faz a cabeça de qualquer um. Cada pessoa que me procura já sai pensando direito. E o senhor, o que está fazendo pela natureza?”* Até agora estou pensando na resposta que poderia dar a Severina. Ainda não achei. Vocês me ajudam?

Darly Viganó

darly.vigano@gmail.com